



HERDEIROS DO PORVIR

Ano XXIII – Nº 46
Julho/Agosto/Setembro 2016
Distribuição gratuita



A SACRALIDADE MONÁRQUICA



ATUAÇÃO DOS PRÍNCIPES

D. Luiz de Orleans e Bragança



No dia **6 de junho** foi realizado, na Sede Social da Pró Monarquia – Casa Imperial do Brasil, em São Paulo, jantar comemorativo pelo transcurso do 78º aniversário do natalício do Príncipe D. Luiz. Presentes o irmão e imediato herdeiro dinástico do aniversariante, o Príncipe Imperial D. Bertrand, bem como amigos próximos, como o Dr. Eduardo de Barros Brotero e o Prof. Bernard Barrandon, além de alguns membros da Pró Monarquia. O Presidente desta entidade, Dr. José Guilherme Beccari, discursou e propôs um brinde a D. Luiz, que agradeceu, afirmando que espera, com ajuda da Divina Providência, que a Monarquia seja restaurada no Brasil o quanto antes.

Em **18 de junho**, D. Luiz foi representado por D. Bertrand no casamento de sua sobrinha a Princesa Alix de Ligne com o



Conde Guillaume de Dampierre, ocorrido na cidade de Belleoel, Bélgica. A celebração ocorreu na Igreja de São Pedro, seguida de recepção e banquete no Castelo de Belleoel, de propriedade dos Príncipes de Ligne, família da noiva. A princesa é filha do Príncipe Michel, 14.º Príncipe de Ligne, e de D. Eleonora, nascida Princesa do Brasil, irmã de D. Luiz. O Conde Guillaume pertence a antiga e destacada família aristocrática francesa.

D. Antônio, sua esposa D. Christine, os filhos D. Rafael e D. Maria Gabriela também estiveram presentes, assim como D. Isabel (tia e madrinha da noiva), primos e tios brasileiros. Na foto, os noivos e seus pais.

HERDEIROS DO PORVIR

Publicação da Pró Monarquia,
entidade civil sem fins lucrativos.
Rua Itápolis, 873 – CEP 01245-000 – São Paulo – SP
Tel./Fax: (11) 3822-4764
www.monarquia.org.br – e-mail: herdeirosdoporvir@monarquia.org.br

Diretor Responsável: Osvaldo Rocco
Jornalista Responsável: Yone P. Caldeira (MTB 17354)
Redator Chefe: Geraldo Hélon Winter
Diagramação: Luis Guillermo Arroyave
Impressão: Grafilar – Gráfica e Editora do Lar Anália Franco

D. Bertrand de Orleans e Bragança

Entre os dias **19 e 23 de maio**, o Príncipe D. Bertrand esteve em Brasília para compromissos oficiais e particulares. No dia 19 compareceu ao jantar de confraternização do Núcleo Monárquico Princesa Isabel, do Círculo Monárquico Brasileiro, no restaurante do San Marco Hotel. No dia 20 almoçou com um grupo de diplomatas do Cerimonial Internacional do Itamarati. No dia 21 palestrou em evento organizado pela Pontifícia Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém, no mesmo hotel. Na noite do dia 21 reuniu-se em jantar com jovens monarquistas da Capital Federal. Dentre os convidados estava Vinícius Braceloti, que hasteou a bandeira imperial no mastro do Congresso Nacional.



Durante o período que passou na França, no mês de **junho**, cumprindo agenda de compromissos particulares, D. Bertrand, sendo hóspede no Castelo de Jaglu, almoçou com famílias da nobreza vizinhas à propriedade que desejavam conhecer o príncipe brasileiro. O castelo localiza-se a 100 km de Paris e foi construído no século XVI pela família nobre d'Espinay Saint-Luc. Atualmente é sede da Federação Pró Europa Cristã, da qual o Príncipe Imperial é colaborador.



D. Antônio de Orleans e Bragança

Em viagem à Bélgica para o casamento de sua sobrinha Alix, os Príncipes D. Antônio e D. Cristine passaram por Portugal, sendo padrinhos de casamento da filha do casal Luís Filipe e Maria José Freire de Andrade, tradicional família lusitana, realizado na igreja matriz do Sebal Grande, Concelho de Condeixa. E ainda visitaram, em 27 de maio, a Clínica de Cuidados Continuados Santo Antônio, em Albergaria-a-Velha, onde descerraram uma placa alusiva à visita, tendo sido recebidos pela diretoria do estabelecimento, capelão e funcionários. À tarde visitaram o Museu (inaugurado nesse mesmo dia) e a antiga fábrica de porcelanas Vista Alegre, em Ílhavo (Aveiro). A visita foi organizada pelo monarquista português Dr. Amadeu Teixeira Fernandes.





Em **11 de junho** D. Bertrand ministrou palestra intitulada *Psicose ambientalista: os bastidores do ecoterrorismo para implantar uma 'religião' ecológica, igualitária e anticristã* na Câmara de Dirigentes Lojistas de Campos dos Goytacazes (RJ), a convite da seção local do Instituto Plínio Corrêa de Oliveira. O título da palestra é o mesmo de seu livro, já em quarta edição. Ao final, o Príncipe autografou exemplares da obra. A palestra repercutiu na mídia local, sendo destaque de página inteira na *Folha da Manhã*, principal jornal da cidade.

D. Bertrand foi o convidado especial para falar no *Encontro Regional do Congresso Mundial das Famílias 2016*, realizado em **14 e 15 de junho** no Teatro

Provincial de Salta, Argentina, com os lemas "A praga do Século XXI: o declínio da fertilidade" e "Desenvolvimento, Saúde, Educação: liderança ética". O Príncipe (na foto com alguns dos organizadores) dissertou sobre a importância das famílias numerosas na sociedade e sobre a falência do denominado "bem-estar social" proporcionado por governos populistas, lembrando que a solução dos problemas modernos está na restauração da boa ordem posta por Deus na criação.



Ainda em razão de sua viagem à França, D. Bertrand visitou

no dia **28 de junho** seu primo, o herdeiro do trono francês, Jean de Orléans, Duque de Vendôme, sua esposa Princesa Philomena de Tornos Steinhart, os filhos Gastón (6), Antoinette (4), Louise-Marguerite (2) e o mais novo, Joseph, nascido em 2 de junho. Aproveitou para visitar na Capela Real de Dreux, junto ao castelo, os túmulos de seus avós paternos falecidos durante o exílio na França, o Príncipe D. Luiz de Orleans e Bragança e sua esposa D. Maria Pia, nascida Bourbon-Sicílias. Neste local esteve também sepultada a Princesa Isabel e o Conde d'Eu, seu esposo, trasladados posteriormente para a Catedral de Petrópolis.



No dia **31 de julho**, D. Bertrand esteve presente nas manifestações realizadas na avenida Paulista, em São Paulo, contra a corrupção generalizada nas instituições republicanas, em companhia de seus sobrinhos Príncipes D. Rafael e D. Luiz Philippe. Este último é atuante líder do Movimento Acorda Brasil. Os príncipes caminharam à frente de imensa bandeira imperial, seguida de monarquistas que agitavam bandeiras e distribuíam o volante *Um debate oportuno: Monarquia x República* (íntegra no [facebook.com/promonarquia](https://www.facebook.com/promonarquia)).

Os príncipes foram abordados por populares e jornalistas, para entrevistas e *selfies*, detendo-se diante do carro de som do movimento *Intervenção Cívica Constitucional Já*, do alto do qual D. Bertrand discursou por 15 minutos e foi aplaudido diversas vezes. No mesmo dia os príncipes D. Pedro Alberto e D. Antonio Alberto lideraram monarquistas nas manifestações na orla da Praia de Copacabana, no Rio.



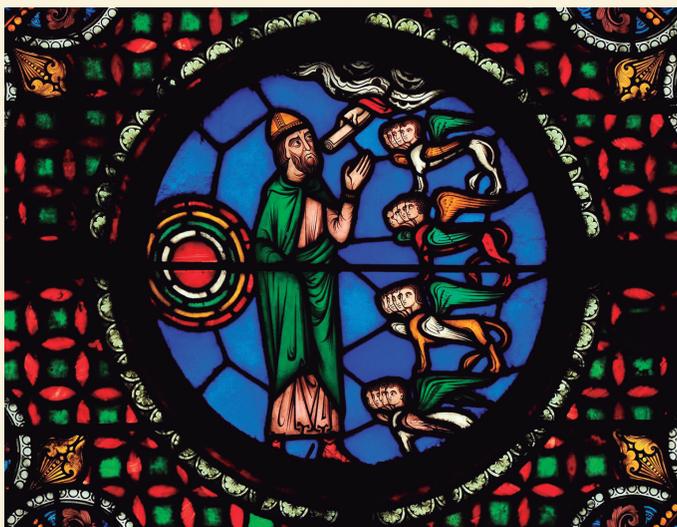
D. Rafael de Orleans e Bragança

Com o título "*Kaiserfamilie in Brasilien: 'Wir gehen mit dem Volk auf die Straße'*" ("*Família Imperial do Brasil: 'As ruas estão conosco'*"), o mais importante jornal da Alemanha, *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, em sua edição de **31 de julho**, publicou extensa entrevista com o Príncipe D. Rafael na qual ressaltou seus deveres enquanto príncipe brasileiro e futuro Chefe da Casa Imperial. Falou também sobre sua intenção de dar continuidade às tradições da Família Imperial fazendo um casamento dinástico, sobre as perspectivas de restauração da Monarquia no Brasil, além de sua formação acadêmica e carreira profissional (íntegra em português no [facebook.com/promonarquia](https://www.facebook.com/promonarquia)).



A sacralidade monárquica

NELSON RIBEIRO FRAGELLI



Vitral medieval representando o Abade Saint-Denis, o qual delineou as instâncias...

Celebrou-se há pouco, em Londres, o nonagésimo aniversário da Rainha Elizabeth II. A cerimônia comemorativa oficial – *Trooping the Colour* – foi fulgurante. A ocasião pedia, evidentemente, particular esplendor. Ao esplendor permanente de Sua Majestade junta-se a venerabilidade de uma longa vida. Rainha desde 1952, seu reino é o mais longo da história britânica. Há 64 anos ela é vista com crescente admiração pelo mundo.

Há alguns anos participei de semelhante comemoração. Trata-se de uma cerimônia essencialmente militar realizada nas imediações da residência da Rainha, o palácio real de Buckingham. Muito cedo, a fim de garantir um bom lugar, dirigi-me a Saint James Park, onde o desfile se realizaria. Era o início do verão, nenhuma chuva era prevista, embora grande número de londrinos portasse, além do inconfundível chapéu coco (*bowler hat*), enorme guarda-chuva pendente do braço. O chapéu e o guarda-chuva são símbolos menores da *Old England* cujo símbolo maior é a monarquia. Nem deste, nem daqueles, a grande maioria britânica deseja separar-se.

No frescor daquela manhã de junho o tropel de 300 cavalos, imensos e reluzentes, pertencentes à Guarda Montada da Rainha, desperta formas de coragem. Rolar de canhões servidos na batalha de Waterloo, puxados a cavalo, estremeciam o terreno, ao emergir como figuras fantásticas da bruma matinal. O vermelho dos uniformes, a presença de 1500 oficiais e música de antigos regimentos causavam emoção. Assim se preparavam as tropas para a chegada da Rainha.

Olhando para tantas novidades, meu espírito distraidamente tinha como fundo de quadro os desfiles em nossa data máxima, a de 7 de Setembro, que me encantavam. Desfiles dignos de nossas glórias militares, jipes e tanques, caças da Força Aérea Brasileira sobrevoando, a garotada alegre por ter também marchado. Desfilaram em frente ao presidente eleito a quem se esforçaram por tributar respeito e honra. Há pouco chegou ao poder, deixá-lo-



... do reino de Santo Eduardo, do qual a Rainha Elizabeth é herdeira

em breve (o que são quatro anos na vida de um povo?), sobre quem muito pouco se conhecia. Sua continuidade com nossa História, sua identidade com os sofrimentos e as glórias passadas são teóricas e conceituais, bem mais do que reais. Ele não traz de sua família, nem o caráter paternal dos monarcas, nem o carisma reinante deixado nas estirpes pela prolongada chefia do Estado.

O que presenciei em Londres ultrapassava todos os 7 de Setembro vividos: a Rainha chega em sua carruagem, à frente de sua Guarda Montada em uniformes rubros. Sua presença induz imediatamente uma atmosfera. Todos a contemplam. Os olhares não podem se desviar dela. Sua vista ofusca até mesmo o espetáculo em torno, por mais esplendoroso que seja.

Por que mistério todos ali percebíamos que, em sua delicada dignidade feminina, era ela a sustentar aquela força e aquele ânimo militar? De onde lhe vem o poder de sustentação daqueles que são tão mais fortes do que ela? Em cada fisionomia marcial espelhava-se o orgulho em servi-la. À sua chegada, a já ereta posição de cada soldado mostrava-se ainda mais altiva. Não por temor





Desfiles de 7 de Setembro, no Brasil, presidido por...

de não corresponder à atitude determinada pelo regulamento ou para se mostrar ao público, mas por júbilo do comparecimento Real. A nobre personalidade da Monarca, tal seiva revigorante, penetrava suavemente cada um, como um *élan* quase místico. A soberana, tomada pela sacralidade de sua função, está acima do que normalmente somos. Percebe-se que sobre ela paira um designio de Deus.

A monarquia inglesa, em suas raízes, é obra da Igreja Católica. Sua estrutura, ainda hoje, foi modelada por monges beneditinos, em particular pelo Abade Suger de Saint-Denis, que no Século X delineou as instâncias do reino de Santo Eduardo, Confessor. A Igreja lançava assim os fundamentos do Reino de Nosso Senhor Jesus Cristo na terra. E para esse fim a todos os monarcas a Igreja conferiu o caráter sacral. A Rainha Elizabeth é herdeira e o atual elo da milenar instituição monárquica inglesa.

Na França, antigos autores franceses, falando da Realeza, pareciam tomados por uma devoção sobrenatural... Dizia-se comumente na Europa do *Ancien Régime* que os franceses “*viviam embriagados por seu rei*”. O Marechal de Marmont, referindo-se a Luiz XVI — e portanto aos últimos anos da monarquia — escrevia: “*Eu tinha pelo rei um sentimento difícil de definir. Era um sentimento de dedicação com caráter religioso*”. Esta é a sacralidade que cerca a Realeza.

Também eu senti aquele *élan* revigorante portado pela Rainha. À vista de Elizabeth II fui percorrido por um “arrepio sagrado”. Não era patriotismo, pois não sou inglês. Mas a aura da Rainha toca a sensibilidade de alma de todos os que acolhem a inegável grandeza monárquica. Não sou anglicano, graças a Deus. Não era



... autoridade republicana que logo deixará o poder

pois fidelidade religiosa à Rainha, cabeça dos anglicanos. Mas antes de tudo ela é depositária de um princípio constitutivo da ordem da Criação. E esse princípio, onde quer que se manifeste, evoca a presença do Criador. Assim, a Rainha é, de fato, cercada de sacralidade.

Voltou-me à mente nosso 7 de Setembro. E com ele a lembrança do nosso Presidente, que despertava bem menos inspirações simbólicas do que os generais que o cercavam. Entretanto, estou certo de que aquela data e aquele desfile também evocavam, com superior autenticidade católica, a majestade divina pairando sobre o nosso amado Brasil na data comemorativa de seu nascimento. Nosso país nasceu naquele longínquo 7 de Setembro de 1822, quando recebeu de Deus seu primeiro sorriso e sua primeira bênção.

Mas o que resta daquele primeiro chamado após o 15 de Novembro de 1889, cuja proclamação se fundava em princípios desconhecedores de nosso passado católico? O homem se mede pela grandeza daquilo que admira. Depois de 15 de Novembro de 1889 o Brasil aos poucos voltou suas costas para grandezas, recebidas através de Portugal, que o formaram. O Brasil valia bem mais porque seu ideal subia até às alturas das glórias lusas, que são nossas também, por direito de herança. Houve então um início de fechamento dos espíritos e de um estreitar de vistas. Chegamos ao ponto em que correntes ideológicas de nosso país se opusessem, empregando até mesmo a violência, à comemoração dos Quinhentos Anos de nossa descoberta por Pedro Álvares Cabral. Preferiam o primitivismo indígena à cultura europeia. Pode haver maior estreitamento de vistas?

Em Saint James Park, uma família a meu lado, vinda da França, olhava emocionada a candura real em meio ao desfilar da pompa militar. Sentiam-se confortados ao notar em torno da Rainha respeito e veneração. Perguntei-me de onde viria este sentimento. Formidável é a força da tradição. Durante séculos seu povo tinha sido modelado segundo a evidência de que a França era o primeiro e o mais prestigioso reino da Cristandade. A Revolução de 1789 abateu a golpes de guilhotina grandezas de outrora. Diante da Rainha seu sentimento monárquico parecia aflorar. De seus três filhos ali presentes, o mais jovem olhava a Rainha perpassado de veneração, em atitude de espírito próxima à oração. Pensativos, tomados por sóbria e profunda alegria, murmuravam entre si: “O que perdemos ao executarmos Maria Antonieta”... Essa indiscrição foi para mim uma lição. E também murmurei com meus botões: “O que perdemos nós, brasileiros, com o 15 de Novembro!”



Dona Maria I, duzentos anos depois

ARMANDO ALEXANDRE DOS SANTOS

Conforme noticiado na última edição do *Herdeiros do Porvir*, foi celebrada no último dia 8 de abril, em São Paulo, na igreja de Nossa Senhora do Brasil, uma esplendorosa Missa pelos 200 anos da morte de D. Maria. A iniciativa foi conjunta, da Casa Imperial do Brasil, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (de que é presidente a Dra. Nelly Candeias) e da Casa de Portugal (presidida pelo Com. Antonio Ramos). Foi executada magistralmente, durante a cerimônia, a *Missa de Réquiem* composta pelo Pe. João Maurício Nunes Garcia para as exéquias da rainha, em 1816. Na eça fúnebre figurou, em posição de destaque, a placa das três Ordens militares do Império brasileiro, com o Coração de Jesus bem visível. Essa placa, oferecida ao Príncipe D. Luiz de Orleans e Bragança por um amigo português – D. Marcus de Noronha da Costa, Conde de Suberra – ali foi colocada por vontade explícita do Chefe da Casa Imperial. Prestou-se assim homenagem condigna à memória da grande rainha.

Neste segundo centenário da morte de D. Maria I faltou, entretanto, ainda que em poucas pinceladas, relatar um pouco da vida desta extraordinária Soberana. É o que pretendemos fazer agora.

* * *

Faleceu no Rio de Janeiro, em 20 de março de 1816, a Rainha D. Maria I. Já de longa data ela não reinava efetivamente, porque uma doença mental incurável a incapacitara de exercer a realeza. Em seu lugar, governava o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves o Príncipe-Regente D. João, mais tarde Rei D. João VI.

Quando D. Maria adoeceu, em 1792, suas funções passaram a ser exercidas pelo sucessor imediato, que era o filho. Sem solução de continuidade, tudo correu normal-

mente. Nem a doença da soberana impediu o bom andamento da administração do Reino, nem o herdeiro quis proclamar-se desde logo Rei, passando por cima dos legítimos direitos da mãe enferma.

Antes de adoecer, D. Maria reinou efetivamente durante 15 anos. Foi uma grande soberana, realizando obra notável. No reinado de seu pai, D. José I, o onipotente ministro Pombal centralizara toda a administração em sua pessoa. Tudo, absolutamente tudo, dependia dele. Quando foi afastado do cargo, em seu gabinete foram encontrados milhares de processos parados, alguns havia mais de 10 anos, à espera de seu despacho. Tudo estava entravado no reino. Os Jesuítas haviam sido expulsos de Portugal e seus domínios. Como mais da metade do ensino de todos os níveis era atribuição da Companhia de

Jesus, o resultado foi que o ensino teve uma queda abrupta. Os “mestres régios”, instituídos por Pombal, nem de longe estavam à altura de manter o ensino no mesmo nível. Aqui no Brasil, completamente despreparados para enfrentar a realidade da América lusa, nem conseguiam se comunicar com a maior parte dos alunos, que somente se exprimia em nheengatu (a língua geral de toda a costa, que a essa altura já não era mais o tupi clássico, estudado e gramaticalizado por São José de Anchieta, mas era um tupi novo, influenciado por elementos do português e de outros idiomas indígenas). O normal seria que os mestres-régios aprendessem o nheengatu, para se comunicarem com os alunos; foi isso que, três séculos antes, haviam feito os primeiros jesuítas. Mas, ditador é ditador... A solução de Pombal foi proibir, sob severíssimas penas, que se falasse nheengatu no Brasil. O resultado é que se perdeu o uso dessa língua, que enriquecia culturalmente o Brasil. Os últimos brasileiros que falavam e entendiam o nheengatu morreram nas primeiras décadas do século XIX. Hoje, como afirma meu amigo Eduardo de Almeida Navarro, professor titular de Tupi



da USP, poderíamos ser um país bilingue, como o é o Paraguai, que conservou o uso do guarani a par do castelhano. E não somos. Do velho tupi/nheengatu só ficaram os topônimos, numerosíssimos em todo o Brasil, e, como herança prosódica, a pronúncia peculiar do R, característica do nosso “dialeto caipiracicabano”.

Do ponto de vista cultural, foi enorme a atividade de D. Maria. Ela renovou, literalmente, a alta cultura do reino. Criou instituições, favoreceu novos talentos, incentivou expedições e pesquisas científicas. Do ponto de vista legislativo, deu início a um enorme trabalho (que não chegou a ser concluído) de recopilação das leis vigentes no Reino. Era um trabalho que não se fazia desde fins do século XVI, quando haviam sido promulgadas as Ordenações Filipinas.

Economicamente, o reino estava quase falido, ao término do consulado pombalino. Havia funcionários públicos com pagamentos atrasados havia mais de 5 anos. A rainha, sem elevar impostos (o que, em Portugal, nem um rei absoluto poderia fazer, sem prévia consulta popular, em Cortes reunidas), conseguiu saldar as dívidas e equilibrar as contas.

Um dos primeiros atos da nova rainha foi mandar soltar centenas e centenas de prisioneiros políticos que estavam presos em situação degradante, por ordem de Pombal, muitos deles sem acusação formal e sem processo instaurado. Também reatou relações com a Santa Sé, rompidas por Pombal. Diplomáticamente, conduziu uma política muito acertada, no concerto das nações europeias. Em suma, seu reinado foi, como pitorescamente se denominou em Portugal, uma “viradeira”. Virou do avesso o que fizera e desfizera Pombal. Uma obra exaustiva acerca de seu reinado foi lançada em 1934 por Caetano Beirão, que vasculhou durante anos arquivos portugueses, espanhóis, ingleses e italianos e produziu uma obra até hoje insuperada, e talvez insuperável: “*D. Maria I – 1777-1792*”.

D. Maria faleceu no Rio de Janeiro e ali foi sepultada. Quando, em 1821, D. João VI retornou a Portugal, levou consigo os restos mortais da mãe, para os depositar, como era desejo dela, na Basílica da Estrela, que tinha sido erigida em Lisboa pela piedosa rainha. Era a primeira igreja dedicada, em todo o mundo, ao Sagrado Coração de Jesus, do qual D. Maria era muito devota. Por decreto seu, as três Ordens militares do Reino (de Cristo, de Avis e de Santiago da Espada) incorporaram aos seus símbolos heráldicos o Sagrado Coração. O Brasil independente manteve, durante todo o período imperial, esse acréscimo.

XXVI Encontro Monárquico Nacional

No dia 4 de junho foi realizado, no Windsor Florida Hotel do Rio de Janeiro, o XXVI Encontro Monárquico Nacional, tradicional evento que reuniu veteranos e jovens monarquistas de todas as partes do Brasil. A sala de convenções ficou lotada, e centenas de internautas acompanharam ao vivo a transmissão das conferências.

O Príncipe Imperial do Brasil, D. Bertrand de Orleans e Bragança, e seus sobrinhos D. Rafael e D. Pedro Alberto (foto 1) deram as boas-vindas aos participantes. Em seguida entoou-se o Hino da Independência, cantado por todos.

Na abertura dos trabalhos, D. Rafael leu a “*Mensagem aos Participantes*” de seu tio, o Chefe da Casa Imperial do Brasil, D. Luiz de Orleans e Bragança, impossibilitado de comparecer, proferindo em seguida seu próprio discurso, onde reafirmou o compromisso de estar sempre a serviço da Nação.

Ato contínuo, seguiu-se a palestra “*Uma visão transcendente da Monarquia*”, ministrada pelo Dr. Ibsen Noronha (foto 2), destacado monarquista de Brasília, atualmente lecionando História do Direito e História da Administração Pública na Universidade de Coimbra. Em seguida, o cientista político José Carlos Sepúlveda da Fonseca (foto 3) falou sobre “*Brasilidade e Monarquia face à corrupção das instituições*”, demonstrando que regimes monárquicos propiciam eficiência e eficácia à administração pública.

Depois do almoço, os trabalhos foram reabertos pelo Príncipe D. Gabriel (foto 4), que falou sobre a necessidade de se restaurar a Monarquia no Brasil e o quanto seus tios e seu primo estão preparados para isso. Em seguida o Prof. Sidney Silveira (foto 5) tratou do tema “*Monarquia e bem comum*”, comprovando a superioridade política e moral do sistema monárquico sobre o republicano. Na sequência, o Deputado Federal Paulo Eduardo Martins (foto 6), do Paraná, ministrou a palestra “*A Monarquia na moderna realidade política brasileira*”, abordando a possibilidade de Restauração Monárquica no momento.

Após breve intervalo, três jovens monarquistas (foto 7) – Matheus Guimarães (São Gonçalo, RJ), Leandro Mairink (Rio de Janeiro) e Ricardo Carvalho (Brasília) – discorreram sobre suas atuações enquanto novas lideranças do Movimento. Em seguida D. Bertrand proferiu discurso de encerramento, salientando que a Monarquia é a única saída para a grave crise moral do país, e agradeceu, em nome de D. Luiz, a presença de todos. Seguiu-se a distribuição de diplomas.

No dia seguinte foi celebrada Missa em Ação



de Graças pelo 78.º aniversário do Chefe da Casa Imperial do Brasil na Igreja da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, seguindo-se almoço de confraternização no restaurante do Windsor Florida.





JOSÉ GUILHERME BECCARI

Coisas da República...

Explica-se – Interessante pesquisa fez um brasileiro residente nos Estados Unidos para mostrar como a vida no Brasil está cara. Ele foi a um supermercado americano e comprou 16 itens de produtos de higiene, limpeza, alimento e bebida, fáceis de serem encontrados por aqui nas mesmas quantidades e até marcas, e incumbiu um amigo de fazer idêntica compra em supermercado brasileiro. O resultado surpreendeu: enquanto nos EUA o total deu US\$ 18,10, ou R\$ 59,73, no Brasil a mesma compra alcançou R\$ 99,36 (66% a mais). Levando-se em consideração o poder aquisitivo de americanos e brasileiros, a situação piora bastante: tal

mercadoria representou 1,55% do salário mínimo americano (US\$ 1.160,00) e 11,25% do brasileiro (R\$ 880,00)! Esta diferença brutal mostra quão pesado é o Estado tupiniquim. E não são só impostos escorchantes que explicam o calamitoso custo Brasil, mas também leis trabalhistas socialistas, burocracia insuportável,

infra-estrutura sucateada e corrupção avassaladora, somente para citar algumas de nossas piores mazelas.

Tenebroso pesadelo – A estimativa republicana é das mais contestáveis, mas, supondo que esteja correta, os portugueses teriam levado do Brasil, em 300 anos (sim, 300 anos!), 800 mil quilos de ouro, o que daria, ao preço supervalorizado de hoje (40 dólares o grama), 32 bilhões de dólares, ou 112 bilhões de reais. Por certo esta é uma quantia fabulosa, mas bem inferior ao rombo deixado pelos governos Lula e Dilma nos últimos 13 anos. Somente em 2016 foi aprovado pelo Parlamento um déficit orçamentário de 172 bilhões de reais, sobre um débito consolidado no ano anterior de 118 bilhões e outro previsto para 2017 de 130 bilhões. A Petrobrás foi virtualmente aniquilada: de maior companhia do país passou a ser a maior devedora. Tudo isso sem contar o buraco deixado pelo recuo do PIB de quase 4% ao ano nos últimos dois (120 bilhões cada) e a destruição causada às famílias dos milhões de desempregados e às instituições nacionais nestes poucos anos de desgoverno. Não se pode esquecer que, ao contrário do divulgado em todo período republicano, o Brasil dito “colônia” foi na verdade uma extensão do Estado luso, recebendo em contrapartida enormes benefícios econômicos (só a cana-de-açúcar, quanta riqueza não nos trouxe?), materiais, artísticos, acadêmicos, espirituais, etc., sobretudo depois da transferência da Família Real portuguesa para o Rio de Janeiro em 1808, tornando-se esta cidade a capital do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Está historicamente comprovado que investimentos feitos em territórios de ultramar empobreceram Portugal. Independente em 1822, o Brasil estava pronto para seguir um futuro de sonho que, aliás, até 1889, durante o II Império, em parte se concretizou; terminada, porém, agora, a era petista, o país sucumbiu em tenebroso pesadelo, do qual ainda não sabemos como vai sair.

Pobre dramaturgo – Foi baixíssimo o nível parlamentar durante a sessão que analisou o parecer do deputado Jovair Arantes a respeito da abertura do processo de impedimento da Presidenta

(sic!) Dilma. Os deputados mais pareciam adolescentes malcriados em sala de aula: gritarias, berreiros, tentativas de interrupção de quem estava falando, etc. Outra coisa de horrorizar foram os erros de português nos discursos. Poucos deputados falaram com correção, do ponto de vista da gramática e do estilo. A maioria pronunciava “corrupção”, “pissicologia” etc., ou omitia os RR finais dos verbos do infinitivo e os SS dos plurais, à maneira de Lula. Preposições, então, eram espalhadas à vontade, sem nenhuma preocupação com sua colocação correta, de acordo com a sintaxe da frase: “O Brasil, **aonde** nós vivemos...” Mas o que mais chamou a atenção foi a fala de um jovem parlamentar que leu discurso erudito e bem escrito, obviamente produzido por algum *ghostwriter*, o qual, num arroubo de classicismo, citava pomposamente “o grande dramaturgo grego *Ésquilo*”. Só que o orador, empolgado, não reparou no acento agudo, que torna o nome proparoxítono, e leu, em alto e bom som, “*esquilo*”, com acento na penúltima sílaba, transformando o autor de “*Prometeu acorrentado*” num simpático animalzinho devorador de nozes... O espetáculo se repetiu no Senado onde uma senadora contrária ao *impeachment* ressaltou a suposta injustiça do afastamento de uma “presidenta inocenta”... E, ao que parece, nem percebeu seu erro!

Coisas da Monarquia – O Reino Unido, por meio do referendo de 23 de junho, optou por deixar a União Europeia (UE). Essa decisão, de um lado, levou os “europeístas” ao pânico e, de outro, trouxe uma brisa fresca de esperança a milhões de habitantes dos 28 países membros da UE. Bruxelas é a sede da gigantesca máquina burocrática (nos moldes da montada pela República brasileira), coordenadora dos países membros. A decisão britânica abalou Bruxelas como um terremoto. Altos funcionários – presidentes, secretários, assistentes, conselheiros, bem como legiões de funcionários – se perguntavam, alvoroçados, se o artificialismo burocrático ao qual servem teria chegado ao fim. Todos temem que outros países membros queiram também adotar a consulta popular a fim de acalmar a insatisfação causada pelas intromissões da UE na vida nacional. Franceses gostariam de um referendo assim. Holandeses e finlandeses também. Se a moda pega... Em meio ao alvoroço, Elizabeth II sorri enigmaticamente em suas aparições públicas. A Rainha – é tradição da Coroa – não se manifesta em matérias como referendos. Entretanto, jornais de seu país, entre eles alguns importantes, afirmam ter ela influenciado seu povo a deixar a UE. Se ela o fez, seu gesto foi elegante. Como foi esse gesto? Aqueles órgãos da imprensa dizem que ela, em recente jantar, com o ar distante e quase distraído com o qual uma professora pediria a seus alunos provas da redondeza da terra, pediu aos convivas três razões para que seu Reino permanecesse na UE. Silêncio à mesa. Cada comensal passa ao vizinho a pergunta. Silêncio confuso dos convivas. Silêncio docemente prazenteiro da Rainha. A um tênue sinal, Sua Majestade ordena ao mordomo completar as taças de vinho. Sutil alçar de taças. Sua posição, assim declarada, fez rastilho de pólvora entre seus enlevados súditos. *God save the Queen!*

